

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN

Bruna Donato Zampieri

Zine como publicação crítica:
Designers Gráficas Brasileiras

2024
Uberlândia - MG

Bruna Donato Zampieri

Zine como publicação crítica:
Mulheres no Design Gráfico Brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de bacharel em Design.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Ricco Placido da Silva

2024
Uberlândia - MG

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família, por acreditar em mim e me proporcionar a oportunidade de seguir os meus interesses, de sempre me incentivar a ir atrás de conhecimento e da minha autonomia. Sem eles, provavelmente já teria desistido da graduação, obrigada mãe e pai, por acreditar no meu potencial quando eu mais duvidava.

Também gostaria de agradecer aos amigos queridos que fiz durante todos esses anos, cada um com a sua personalidade e visão única, levarei comigo um pedaço de cada um em meu coração. Um agradecimento especial a minha amiga Isabelle, que passou comigo vários perrengues e momentos inesquecíveis.

Por último, e não menos importante, agradeço a todo corpo docente do curso de Design da UFU, por proporcionar todo aprendizado, trocas e orientações para nós alunos. Agradeço muitíssimo ao meu orientador, Professor Dr. João Carlos Plácido, por toda paciência e apoio neste trabalho.

RESUMO

O presente projeto se propõe a produzir um Zine que foque na relevância e atuação de designers gráficas brasileiras na segunda metade do século XX, após a institucionalização do Design como campo no Brasil. Para produzir este material, foram escolhidos os trabalhos de Bea Feitler, Emilie Chamie e Lygia Pape, que tiveram grande importância na produção da cultura visual, não só no Brasil, como também mundo afora. Motivada pela invisibilidade que as mulheres sofrem no mercado de trabalho e no meio acadêmico, a autora tem como objetivo criar um espaço para falar de seus trabalhos e inspirar outras profissionais.

Palavras-chave: Mulheres no Design Gráfico Brasileiro; Zine; Bea Feitler; Emilie Chamie; Lygia Pape; Design Político

ABSTRACT

This project proposes to produce a Zine that focuses on the relevance and performance of Brazilian graphic designers in the second half of the 20th century, after the institutionalization of Design as a field in Brazil. To produce this material, the works of Bea Feitler, Emilie Chamie and Lygia Pape were chosen, who had great importance in the production of visual culture, not only in Brazil, but also around the world. Motivated by the invisibility that women suffer in the job market and in academia, the author aims to create a space to talk about their work and inspire other professionals.

Keywords: Women in Brazilian Graphic Design; Zine; Bea Feitler; Emilie Chamie; Lygia Pape; Political Design

“É nossa função como humanos colocar no mundo a nossa arte. Isso não significa que todos temos que ser artistas no sentido de viver de pinturas ou música, mas sim de fazer um trabalho que tenha a nossa personalidade, nossa voz. E a melhor forma de descobrir nossa voz é fazendo coisas.”

Alex Bretas Vasconcelos

Sumário

PESQUISA

- 1 - Problema Projetual: Zine como Publicação Crítica
 - 1.1 História e Raízes da Publicação Independente
 - 1.2 Metodologia e Produção do Zine
- 2 - Tema: Mulheres Brasileiras no Design Gráfico
 - 2.1.1 Bea Feitler
 - 2.1.2 Emilie Chamie
 - 2.1.3 Lygia Pape
- 3 - Análise de Similares
 - 3.1 Zine: Emprecariado
 - 3.2 Zine: Amanhã pela manhã
- 4 - Público-alvo

CRIATIVIDADE

- 1 - Moodboard
- 2 - Definição do Projeto Gráfico
 - 3.1 Estrutura de conteúdo e formato
 - 3.2 Tipografia
 - 3.3 Paleta de Cores
 - 3.4 Grafismos
- 3 - Desenvolvimento de Conteúdo

EXPERIMENTAÇÃO E VERIFICAÇÃO

- 1 - Edição do Zine
- 2 - Conclusão e Considerações Finais
- 3 - Referências Bibliográficas

PESQUISA

1 - Problema Projetual: Zine como Publicação Crítica

Neste projeto, pretendo produzir um Zine a respeito do trabalho realizado por mulheres no design gráfico brasileiro. No caso, escolhi trabalhar com a trajetória das seguintes designers: Bea Feitler, Emilie Chamie e Lygia Pape. O objetivo é proporcionar através dessa publicação, um espaço dedicado à maior compreensão e destaque aos trabalhos e contribuições destas profissionais, gerando maior reconhecimento e valorização dentro e fora do meio acadêmico.

Questões como educação e trabalho são temas amplamente discutidos por grupos minoritários, como no caso do movimento feminista, que ao coloca-las em pauta, evidencia como o sexismo, racismo e a classe social afeta nas diferenças entre produções e as percepções dos trabalhos realizados por mulheres em relação aos homens. Fruto das lutas sociais, os últimos 100 anos desencadeou uma série de conquistas de direitos civis, que aos poucos, proporcionou que a população marginalizada maior participação social e reconhecimento dos mesmos importância na sociedade, entretanto, ainda há certas barreiras no imaginário civil que por muitas vezes, fere os direitos dessas pessoas. Para maior aprofundamento no assunto, recomendo aos interessados a leitura do livro “O Feminismo é Para Todos” e “Ensinando Pensamento Crítico”, ambos da autora **bell hooks**, que discorre de maneira sucinta e simples acerca dessas problemáticas e convida o leitor a repensar e compreender melhor o mundo que em vivemos.

Acredito que pessoas se conectam com histórias, dessa maneira, ao criar um espaço que resgata as narrativas dessas profissionais, convido um público amplo, a não só conhecê-las, mas também evidenciar as suas contribuições na cultura visual, não só do Brasil, mas também mundo afora. Pretendo em um futuro próximo, expandir esse projeto e fazer outras edições com diferentes profissionais da área, tratando de suas trajetórias, trabalho, dificuldades e perspectivas. Na minha compreensão, o Design pode ser uma excelente forma de comunicar ideias e conectar pessoas, além de contribuir diretamente a serviço da sociedade.

1.1 História e raízes da publicação independente

O século XX foi um período extremamente conturbado e acelerado. Com a evolução tecnológica, guerras, ditaduras, repressão política em diversos países, movimentos sociais, corrida espacial, novos questionamentos e rumos na arte, o modo como a sociedade vive foi completamente transformado. Mais do que isso, a maneira que as informações percorrem em milésimos de segundo, nos permitiu também um grande volume de informação atingindo lugares que antes era inimaginável. Dos livros, aos jornais, às revistas, ao rádio, à TV, ao computador, todo tipo de informação passa a circular em um piscar de olhos.

Mesmo com o grande volume de informações com maior facilidade de acesso, a América Latina, incluindo o Brasil, passou por períodos de grande repressão política e censura dos meios de informação por governos totalitários. E como pra toda ação há uma reação, grupos de intelectuais e da classe artística, procuravam se comunicar através do que chamamos de imprensa alternativa, como uma das maneiras para crítica, troca de informações e a busca por mudanças para um país livre e democrático.

Com a grande imprensa sob vigilância ou comprometida com o poder, restava a esses grupos criar formas alternativas de comunicação como instrumento de combate e crítica ao regime político. Resistir e denunciar eram atos de bravura e afirmação ideológica, numa luta contra um esquema montado para a repressão, que em muitos casos chegou a levar à tortura e à morte políticos, trabalhadores, intelectuais e jornalistas. (2020, Magalhães)

Um dos meios de publicação da imprensa alternativa, são os chamados Fanzines ou apenas Zines¹, o termo vem do inglês e é uma contração das palavras *Fanatic* e *Magazine*, revista de fã em tradução literal. Com um caráter livre,

¹ Recentemente, pesquisadores e não-pesquisadores defendem que Fanzine se difere de Zine. O primeiro, estaria mais ligado à cultura massificada de fã, e o segundo se difere por usar a “...capacidade dos indivíduos de criar as suas próprias narrativas, de gerar conhecimento, tomando por fonte de inspiração o próprio cotidiano, subjetivando-se, sem uma influência direta da indústria do entretenimento midiático.” (Rico, 2017)

espontâneo e acessível, é editado de maneira independente por uma ou mais pessoas, se traduzindo em um espaço livre para publicar sobre assuntos que não possuíam cobertura e/ou não seguiam os interesses da grande imprensa.

A escolha do Zine como suporte para abordar a problemática, se deve ao fato de ser um meio que permite uma produção autoral livre, independente e crítica. Sua origem data na década de 1926, em Nova Iorque, nos EUA, onde as chamadas *little magazines*, eram um desses meios de publicação independente, produzida por grupos sem relações com o mercado editorial. Um exemplo é a pioneira “Fire!!”, onde jovens negros desafiavam as gerações mais velhas para tratar do racismo enfrentado pelo mesmos.

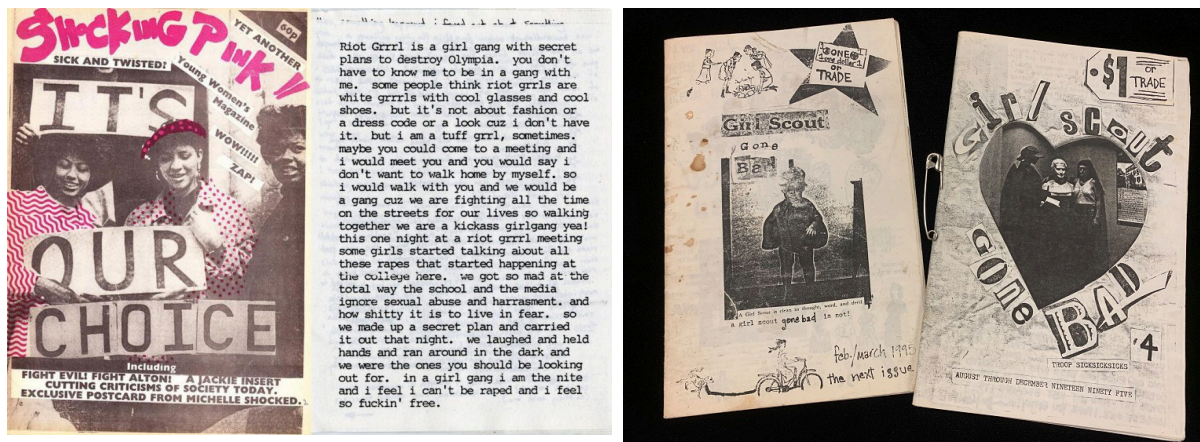


Figura 1: Capa, layout e contracapa da Fire!! / Imagem retirada do artigo publicado no Substack makers gonna make: #61 zines: o que são e por que criar a sua / Disponível em: <https://makersgonnamake.substack.com/p/61-zines-o-que-sao-e-por-que-criar>

Ainda nos Estados Unidos, os anos seguintes trouxeram a popularização de histórias de ficção científica, e assim, diversos fãs se reuniram para produzir e publicar sobre essas histórias através de Fanzines. Estas que por sua vez, rapidamente se disseminaram pelo globo, e em um momento de extrema repressão e censura no Brasil, (aqui denominadas como boletim informativo) na década de 60 e 70, tornaram-se um importante meio de crítica e expressão de ideias. (Magalhães, 2020)

De maneira distinta, os Zines possuem caráter mais pessoal, crítico e até muitas vezes político, como podemos observar no surgimento da cultura Punk na Inglaterra, principalmente com o movimento *Riot grrrl*, que utilizava desses meios para tratar sobre feminismo e outros assuntos relevantes, tornando-se um meio de auto expressão e comunicação e auxiliando na construção de comunidades. Com sua relação mais direta com o público, o editor do Zine pode comercializá-los, ou

como na maioria dos casos, trocá-los com o seu público-alvo, o que acaba instigando que eles mesmos também passem a conceber os seus próprios projetos.



Figuras 2 e 3: Zines produzidos por participantes do movimento Riot grrl / Disponível em: [What the Hell is a Zine anyway? A Counterculture Crash Course Guaranteed to Make You Cooler \(messynessychic.com\)](http://What the Hell is a Zine anyway? A Counterculture Crash Course Guaranteed to Make You Cooler (messynessychic.com))

1.2 Metodologia e Produção do Zine

Antes de partir para a parte prática do projeto, pesquisei em algumas referências bibliográficas a respeito dos métodos de produção para me auxiliar. Dentre todos, o trabalho “O Rebuliço Apaixonante dos Fanzines” de Henrique Magalhães, foi o que mais me ajudou a pensar em como produzi-lo. No apêndice do livro, o autor define os elementos básicos de um fanzine como: escolha do tema a ser tratado, definição de público-alvo, formato (os mais comuns sendo ofício (21,6 x 33 cm), meio-ofício (16,5 x 21,6 cm) ou formato A4 e A5), volume de páginas, periodicidade, e a tiragem que pode variar entre poucas dezenas a centenas de exemplares.

Em seguida, ele trata mais especificamente a respeito do modo de produção: começando pela escolha de fontes de pesquisa, seleção do material a ser publicado, composição dos textos e/ou ilustrações, planejar a paginação (aqui será feita a partir do software InDesign), impressão, intercalação/encadernação das folhas, distribuição e venda (livrarias, feiras ou exposições) e divulgação.

Sendo assim, utilizarei esses parâmetros para elaborar o briefing do projeto, até o momento tenho em mente que esse trabalho se destina a um público que se interesse por design e cultura visual brasileira, principalmente produzida por mulheres, em formato A5, com um volume de no máximo de 20 páginas, periodicidade semestral e pequena tiragem.

2 - Tema: Mulheres Brasileiras no Design Gráfico

Como determinado anteriormente, optei por concentrar minha pesquisa no tema das designers gráficas brasileiras, não apenas com o propósito de aprofundar meu conhecimento sobre seus trabalhos e trajetórias, mas também com a intenção de produzir uma publicação que promova a valorização e o reconhecimento de seus trabalhos. Além disso, almejo que esse material sirva de inspiração, especialmente para outras mulheres que atuam na indústria criativa.

Como critério de seleção, direcionei meu foco para profissionais que estiveram ativas nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil, período onde o Design no Brasil passava por mudanças no que se diz respeito a sua institucionalização e assentamento profissional. Durante minhas pesquisas, identifiquei em suas trajetórias diversas questões ainda relevantes nos dias atuais. Foi perceptível que suas produções na época estavam à frente do seu tempo, embora frequentemente subvalorizadas e menos reconhecidas em comparação com outros profissionais contemporâneos.

Nesse contexto, proponho uma análise sucinta do legado de cada uma dessas designers, acompanhada da exposição das motivações que me levaram a escolhê-las como objeto de estudo. É relevante salientar que, dada a natureza incipiente do campo de estudo em questão, é importante reconhecer que essas designers pertencem a uma classe social privilegiada. Portanto, destaco a necessidade de ampliar a representatividade de profissionais que não se enquadram nesse padrão tradicional, especialmente em posições de destaque na área.

2.3.1 O trabalhos de Bea Feitler, Emilie Chamie e Lygia Pape

Uma das razões pelas quais o estudo da história do design, tanto no mundo, como principalmente no Brasil, sempre me intrigou, foi por uma certa escassez em relação aos trabalhos e contribuições das mulheres na área. Existe um grande foco nos trabalhos de homens, principalmente aqueles ligados ao mundo corporativo e a vertente dos ideais de um design funcionalista.

Veza ou outra, o nome de alguma mulher era citado, mas quando eu queria me aprofundar e entender mais sobre suas trajetórias e trabalhos, parecia que as informações eram de certa maneira, vagas, soltas e escassas. Portanto, ao iniciar minha pesquisa, percebi que não podia deixar de lado as expectativas em relação ao gênero feminino, então além de estudá-las, levei em consideração as expectativas sociais em relação à elas.

Através dessa inquietação, pude me aprofundar na trajetória e nos trabalhos de Bea Feitler, Emilie Chamie e Lygia Pape. O que me surpreendeu nesse caminho de conhecê-las mais profundamente foi a mudança de perspectiva que eu tinha em relação ao Design. Como veremos mais adiante, essas mulheres são extremamente perceptivas em relação ao contexto sócio-cultural que estão inseridas, e incorporam suas próprias visões em seus trabalhos, sem ficar completamente reféns de uma doutrina de design.

Para nortear esta pesquisa, realizei um levantamento bibliográfico de materiais que poderiam me auxiliar a conhecê-las mais profundamente. Como era de esperar, os materiais eram escassos, e mesmo que Bea Feitler e Emilie Chamie possuíssem livros a respeito de seus trabalhos, eles não se encontravam disponíveis na biblioteca do campus. Por isso, me baseei em alguns artigos e os seguintes trabalhos:

- A monografia de Paulo Henrique de Moura, 2013, O Impacto Cultural Do Design De Bea Feitler Na Harper's Bazaar Dos Anos 60,
- Dissertação de Rita Sepúlveda de Faria: Emilie Chamie, trajetória de uma (mulher / designer / artista gráfica / poeta visual) pioneira
- Dissertação de Vanessa Rocha Machado: Lygia Pape: Espaços de Ruptura

Bea Feitler

Nascida na cidade do Rio de Janeiro em 1938, a designer e posteriormente, diretora de arte, Bea Feitler, teve uma carreira curta, porém significativa dentro do campo do Design, mais especificamente na área de design editorial, especialmente em revistas, livros e cartazes publicitários.

Ela estudou na Parsons School of Design, em Nova York, e em seguida, volta para o Rio de Janeiro, onde, a convite de Carlos Scliar, trabalha no departamento de arte da Revista Senhor, paralelamente realizando trabalhos para a Editora do Autor, onde inclusive, desenvolveu a elogiada capa de “O homem nu” de Fernando Sabino. Melo (1995), descreve que o trabalho realizado por Bea em seu início de carreira possui “um espírito de invenção e uma segurança capazes de pronunciar seu posterior sucesso internacional”.



Figuras 4 e 5: Capa para a Revista Senhor e capa para o livro “O Homem Nu” de Fernando Sabino. / Disponível em < <https://revistacontinente.com.br/edicoes/144/bea-feitler> >

Algum tempo depois, ainda no Brasil, ela forma junto com o cartunista Jaguar e o artista plástico e ilustrador Glauco Rodrigues, o Estúdio G, onde realizavam os mais diversos trabalhos, entretanto, o estúdio não dura muito tempo, e com a demissão da Revista Senhor, Feitler resolve voltar para Nova York.

E é em Nova York que Feitler vai se estabelecer como um grande nome do design editorial. Inicialmente ela trabalha como freelancer, mas recebe um convite de seu antigo professor da Parson’s School, Marvin Israel, que reconhece o seu trabalho, e assim, ela começa a atuar como sua assistente na direção de arte da publicação da Harper’s Bazaar, e mais tarde, assume junto com Ruth Ansel a co-direção de arte da revista.

Durante o tempo que trabalhou na revista, Bea Feitler produz junto com a sua equipe, capas icônicas e layouts das páginas inovadores, com ritmo marcante, que captavam o espírito efervescente da década de 60 e 70, sempre se preocupando em criar um fluxo harmônico nas publicações. Além disso, com um olhar atento à sociedade e cultura ao seu redor, Bea se inspirava em movimentos artísticos como o Op Art e Pop Art.



Figura 6: Capas produzidas para a Harper's Bazaar / Disponível em:
 <<https://arteref.com/artista-da-semana/bea-feitler/>>

Com sua saída da Harper's Bazaar, Feitler em 1972 é convidada por Gloria Steinem a assumir a direção de arte e projeto gráfico da revista feminista Ms. Magazine, uma publicação inovadora do século XX, onde demonstrou suas habilidades em utilizar tipografias variadas como recurso gráfico para as capas (Moura, 2013). Seu trabalho na publicação vai até 1976, de modo que, com um nome consolidado, ela estabelece seu próprio estúdio e realiza trabalhos para diversas publicações de renome, como Vanity Fair e Rolling Stones.

Além de sua atuação profissional, Bea também lecionou design editorial na School of Visual Arts, em Nova York, entre 1974 e 1980. Seu impacto no campo do design gráfico foi reconhecido pelo American Institute of Graphic Arts (AIGA), que a condecorou em 1989, e pelo Art Director's Club, que a incluiu em seu Hall da Fama em 1991.

Emilie Chamie

Emilie Chamie, libanesa que nasceu na cidade de Beirute em 1927 e veio para São Paulo junto com os seus pais em 1944, teve uma atividade plural dentro e fora do campo do design, principalmente para a área cultural. Desde muito cedo, tinha afinidade para o desenho e arte, cogitou a cursar arquitetura, mas, entre 1951 e 1953, decide estudar no Instituto de Arte Contemporânea - IAC do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp, com habilitação em comunicação visual. Ela se dedicou à produção de cartazes, diagramação e capas de livros, identidades visuais, fotografia e mais tarde, trabalhos ligados às artes cênicas.

Logo após a sua formação, trabalhou em escritórios de design, como a Forminform, fundado por Alexandre Wollner, Geraldo de Barros, Walter Macedo e

Ruben Martins, com quem Emilie trabalha mais diretamente. Neste, Emilie começa atuando como estagiária e depois passa a atuar mais diretamente em alguns projetos. Todavia, ela decide estabelecer seu trabalho em sua própria casa, com uma espécie de ateliê e a ajuda de um assistente (Faria, 2022).

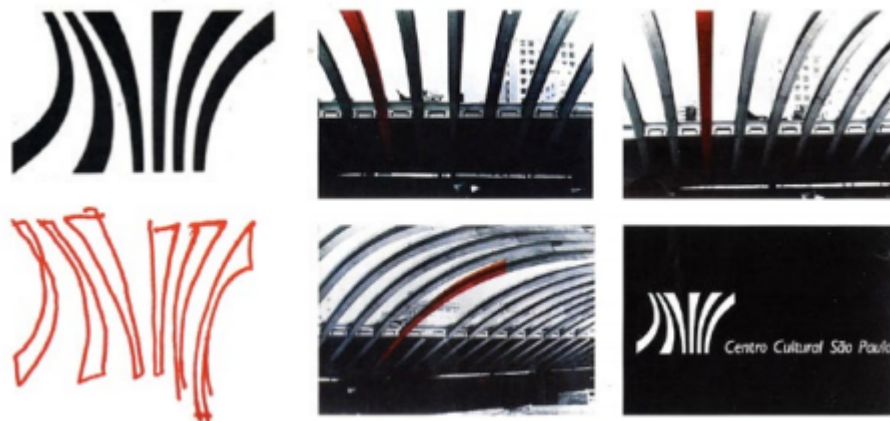


Figura 7: Sketchs e marca para o Centro Cultural de São Paulo. / Imagem retirada da tese de mestrado: Emilie Chamie, trajetória de uma (mulher / designer / artista gráfica / poeta visual) pioneira. Autoria de, Rita Sepúlveda de Faria.

O trabalho de Emilie, principalmente no início de sua trajetória profissional, possui fortes influências advindas do IAC, que por sua vez tinha forte ligação com o movimento da arte concreta e a modernização no país. As características mais marcantes de seu trabalho podem ser definidas como: **rigor** e **paixão**. O primeiro por prezar fortemente pela legibilidade e pela preocupação em sempre amarrar seus conceitos de forma coerente. Ela tratava a letra como elemento mínimo, e explora o máximo possível de possibilidades do seu uso como expressão, resultando em “poesias visuais”, as cores se limitavam ao preto, branco e vermelho, as formas às vezes apareciam e eram rígidas. Conforme o decorrer de sua trajetória, ela vai rompendo com essas influências, se aproximando de algo mais orgânico e com um toque de humor. A respeito da **paixão** estava ligada ao processo de escolher quais trabalhos gostaria de desenvolver, e como se envolvia completamente.



Figura 8 e 9: Livro Mitopoemas Yãnomam. / Disponível em: <https://photolia.tumblr.com/post/39902315417/mitopoemas>

Com sua atuação bastante rica e diversificada, é notável sua forte posição em um ambiente predominante masculino e a diferença no seu estilo de produção que se afasta dos escritórios e se desenvolve em ambiente doméstico e particular, e mesmo com grande relevância e contribuições, através de prêmios, entrevistas, palestras e exposições, é marginalizada se comparada com seus contemporâneos, talvez por se afastar de trabalhos totalmente corporativos e voltados à indústria, sua ligação com trabalhos que estavam mais voltados para a área cultural, e o seu próprio entendimento como profissional, já que se considerava mais como uma artista gráfica do que designer.

Lygia Pape

Uma das artistas mais importantes e inovadoras da história da Arte do Brasil, Lygia Carvalho Pape nasceu em Nova Friburgo, Rio de Janeiro em 1927. Com uma trajetória multifacetada, possui trabalhos como gravadora, escultora, pintora, diretora de cinema, designer e professora. Sem formação em Artes ou Design, ela na verdade possui bacharel em filosofia, e logo em seguida obtém o título de mestre no mesmo. Em 1968 começa a lecionar.

Ela fez parte dos principais movimentos de arte contemporânea no Brasil, iniciando sua trajetória no Grupo Frente com Ivan Serpa, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Franz Wissmann, com o objetivo de se distanciar de obras figurativas e assim, investigar e trabalhar com a abstração geométrica. No final da década de 60, sua participação no grupo chega ao fim, assina o Manifesto Neoconcreto com Reynaldo Jardim, Ferreira Gullar, Theon Spanudis, Amílcar de Castro, Franz Wissmann e Lygia Clark.

Lygia era uma pessoa que não se preocupava em seguir uma carreira tradicional de artista, quando precisava de dinheiro, trabalhava com design gráfico. Inclusive, em 1972, projeta a identidade e novas embalagens do biscoito Piraquê, onde apresentou um conceito visual inovador pra época, com a repetição de elementos na embalagens, o que os faziam se destacar dos concorrentes, além de criar a embalagem cilíndrica que logo depois virou padrão internacional.

Sua abordagem constantemente inovadora, experimental e livre, manipulando as formas, formatos e linguagens, a leva para novos caminhos na forma como ela trabalha com as suas obras. Destaca-se como uma das características principais, a maneira como ela traz a participação do público nas obras, principalmente em Ovo (1967), Divisor (1968) e Roda dos Prazeres (1968).

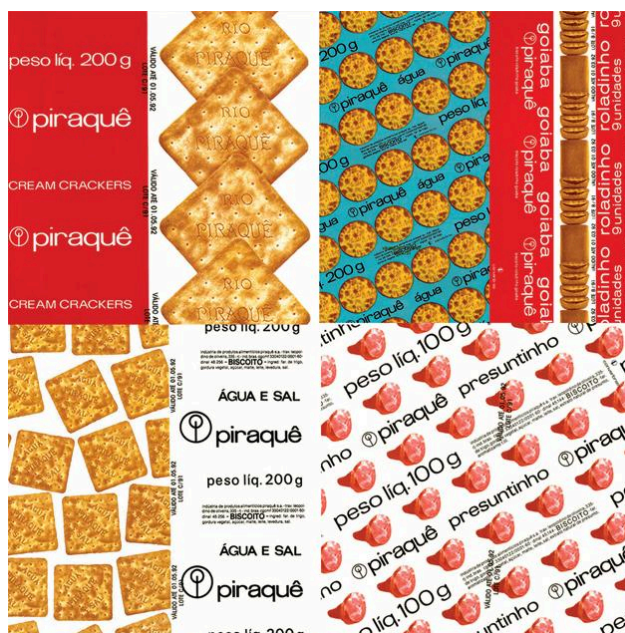


Figura 10: Marca e embalagens desenvolvidas para a marca Piraquê / Disponível em <<https://revistapoder.uol.com.br/edicoes/edicao-143/lygia-pape-artista-mutante> >

Além de tudo isso, sua produção se estendeu para cartazes e letreiros para o movimento do Cinema Novo no Brasil, “Mandacaru Vermelho” (1961) e “Vidas Secas” (1963), e os créditos dos filmes “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1965) e “Memória do Cangaço” (1965) entre outros. E por falar em cinema, ela vem a experimentar com essa mídia, atuando como diretora e realizando filmes entre 1967 a 1976.

3 - Análise de Similares

Para iniciar o meu trabalho, irei realizar uma breve análise de Zines que possuem uma proposta parecida com a minha: a de convidar o leitor a repensar e conhecer mais sobre a cultura e sociedade em que está inserido. Sendo assim, aqueles que tratam de questões políticas e sociais. O objetivo dessa análise servirá de base para pensar tanto no conteúdo, como também em questões referentes ao próprio projeto gráfico.

3.1 Zine Empreariado

Para minha primeira análise, escolhi o Zine Empreariado, publicado em 2023 pela editora de livros independente, Clube do Livro do Design. Nele, há a

colaboração de jornalistas, pesquisadores, designers e ilustradores, onde juntos, discutem acerca da precarização do trabalho realizado por profissionais da indústria criativa. Foi publicado paralelamente ao livro “Emprecariado – Todo mundo é empreendedor. Ninguém está a salvo.” do designer, artista e pesquisador italiano Silvio Lorusso.

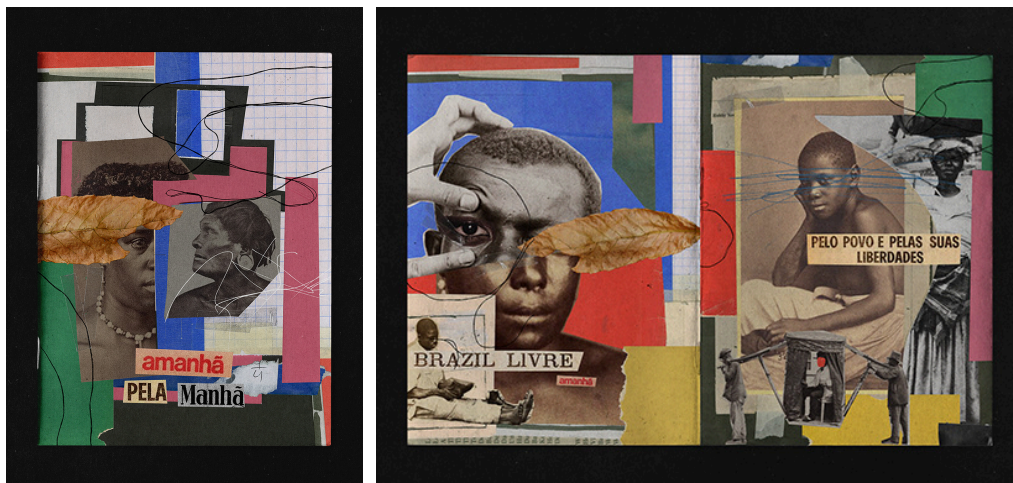


Figuras 12 e 13: Capa e contracapa do Zine; Sumário e introdução do Zine. Imagens foram retiradas a partir do site da editora / Disponível em: <
<https://clubedolivro.design/products/zine-emprecariado>>

Em formato retangular, sua capa é composta de uma ilustração e na contracapa há a presença dos colaboradores do Zine, o logo da editora e sua descrição. Há uma grande verticalidade na publicação quando observa-se a maneira que os elementos são dispostos. O uso de imagens tem efeito preto e branco e se compõem em recortes. Por fim, a seleção de tipografia é composta por uma fonte sem serifa, títulos e alguns outros elementos textuais em caixa baixa.

3.2 Amanhã pela manhã

Zine produzido pela designer e ilustradora Cássia Roiz, possui um forte aspecto político a respeito da história do Brasil. Composto completamente por recortes de palavras e imagens que dizem respeito a história do povo brasileiro, principalmente aqueles marginalizados. O conteúdo é extremamente visual e possui intervenções da mesma, com rabiscos, por exemplo. Ela amarra com coesão visual ao utilizar papéis coloridos por todo zine.



Figuras 14 e 15: Capa e páginas do Zine. Disponível em:

<https://www.behance.net/gallery/144447895/Zine-l-Amanha-pela-manha?tracking_source=search_projects%7Czine&l=355&log_shim_removal=1>

4 - Público-Alvo

Como público-alvo, principalmente estudantes de Design, interessados na área, além de pessoas interessadas em conhecer mais sobre a cultura e comunicação visual do Brasil.

CRIATIVIDADE

Para conceber o projeto gráfico e conteúdo desse projeto, procurei resgatar elementos distintivos dos trabalhos das designers, além de buscar construir um conceito visual que remetesse força, energia e expressividade que a criatividade e trabalho existentes no trabalho dessas mulheres. Também como uma forma de sinalizar fortemente as suas presenças na história do design.

1 - Moodboard

Para definição visual, optei por utilizar a ferramenta moodboard, nele, além de colocar imagens que poderiam contribuir com uma visualidade forte e impactante, acrescentei também como inspiração, alguns trabalhos das designers. Como resultado, há uma grande presença de formas geométricas, tipografias sem serifa, cores vibrantes e colagem.



Figura 16: Moodboard do projeto gráfico / Imagem produzida pela autora, imagens retiradas da web.

2 - Definição do Projeto Gráfico

2.1 Estrutura de conteúdo e formato

Com o objetivo de produzir algo que fosse compacto, fácil de carregar e que comportasse bem o conteúdo, decidi trabalhar no A5, com volume de no máximo 20 páginas, pensando em melhor aproveitamento do espaço. A seguir, as figuras 17, 18 e 19 mostram alguns pontos definidos antes de iniciar definitivamente nos softwares. O conteúdo da capa ficaria com uma composição de colagem com as designers, título, nome da autora e ano; a contracapa ficaria com um breve texto de descrição. O miolo comportaria a folha de rosto seguida de um texto introdutório.

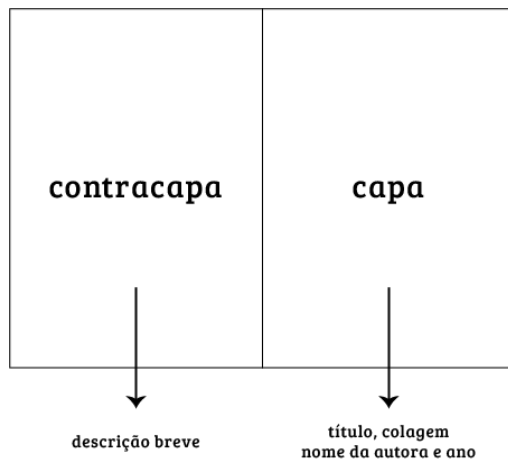


Figura 17: Capa e contracapa / Imagem produzida pela autora.

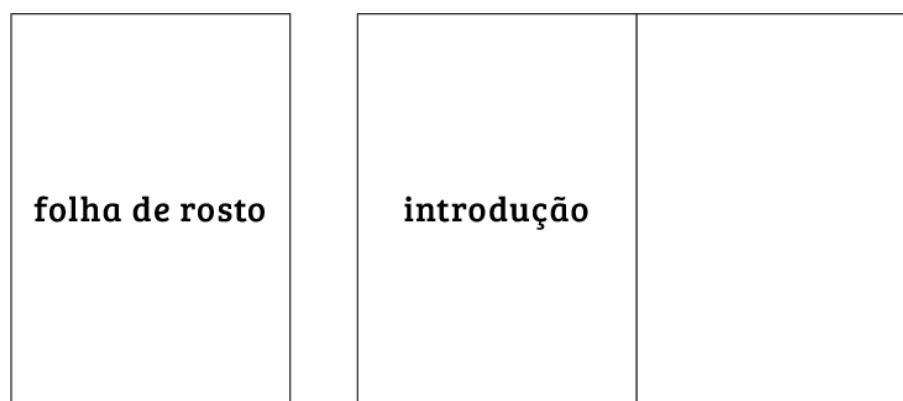


Figura 18: Folha de rosto e página introdutória / Imagem produzida pela autora.

Em relação a como o conteúdo central seria disposto, foi definida uma sequência baseada em: abertura com uma colagem simples e nome da designer, seguida de uma folha dupla com um conteúdo que teria enfoque somente nela.

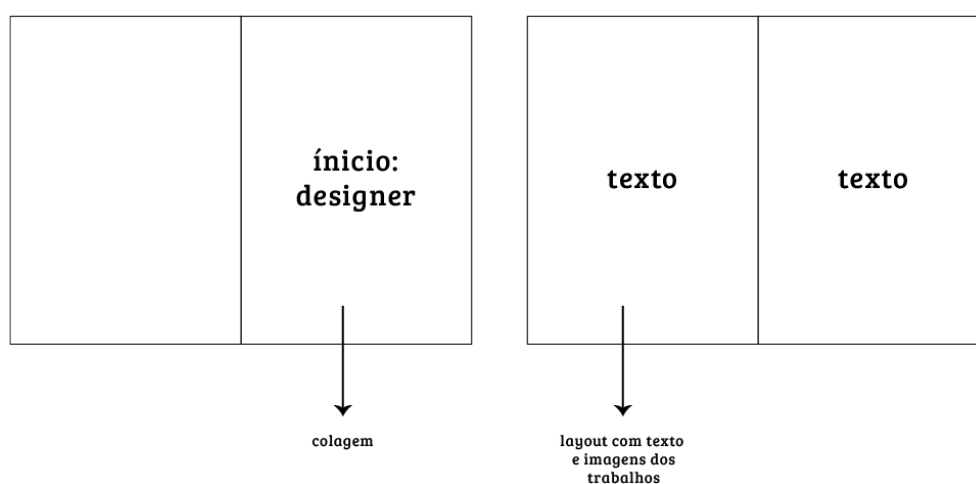


Figura 19: Planejamento de conteúdo dos textos. / Imagem produzida pela autora.

Por fim, o Zine se encerra com as notas finais da autora e todas as referências que foram utilizadas para compor o material, para não ultrapassar o limite de páginas, dispus esses dois conteúdos seguidos um do outro.

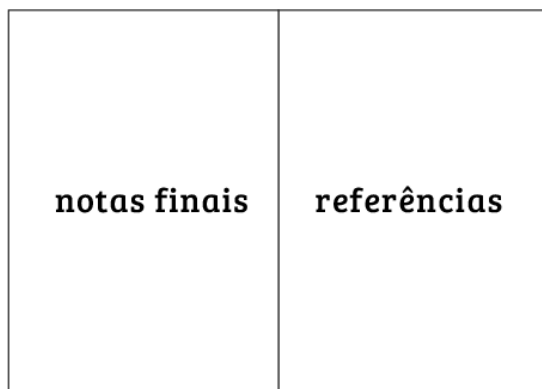


Figura 20: Notas finais e referências do Zine / Imagem produzida pela autora.

2.2 Tipografia

Para a seleção tipográfica, busquei fugir de estereótipos de tipos considerados femininos, optando por algo que fosse forte e sólido, como a Anton Regular, que deu forte destaque para os títulos no projeto. Para complementar, utilizei uma serifa para melhor legibilidade dos textos, a Corben.



Figura 21: Tipografia utilizada no projeto / Imagem produzida pela autora.

2.3 Paleta de Cores

Reforçando o conceito visual de algo forte e vibrante, tons quentes como laranja, amarelo e rosa. Para realces pontuais acrescentei o amarelo canário, complementando com preto e bege.



Figura 22: Paleta de cores utilizada no projeto / Imagem produzida pela autora.

2.4 Grafismos

Como uma forma de trazer mais personalidade e destacar cada designer, optei por aplicar alguns grafismos em partes pontuais do Zine. A ideia era manter algo que fosse geométrico e único para cada uma delas.



Figura 23: Grafismos para composição / Imagem produzida pela autora.

3 - Desenvolvimento de Conteúdo

Para a produção do Zine, adaptei o método de Magalhães (2020) para este projeto, definido como prioridade: escolha de fontes de pesquisa, seleção do material a ser publicado, composição dos textos e/ou ilustrações e planejamento da paginação.

As etapas de impressão, intercalação/encadernação das folhas, distribuição e venda (livrarias, feiras ou exposições) e divulgação serão definidas em um futuro próximo, já que pretendo fazer um levantamento de interesse em compra do Zine com pessoas conhecidas e colegas do curso.

Como apontado anteriormente, a escolha de fontes de pesquisa ficou definida por teses e artigos a respeito da atuação das designers. Para seleção e desenvolvimento de conteúdo, busquei condensar suas biografias e focar em

possíveis questões de trabalho relacionadas ao gênero, a maneira como elas atuavam e quais eram suas visões como profissionais.

EXPERIMENTAÇÃO E VERIFICAÇÃO

1 - Edição do Zine

Assim que a parte escrita e a seleção de conteúdo foi realizada, desenvolvi alguns esboços em papel, nos quais nenhum acabou fazendo parte do projeto final. Nessas idas e vindas, optei por construir um projeto que fosse simples e que valorizasse os textos e imagens. Para as páginas, foi definido um grid simples de duas colunas, acredito que a inserção de texto e imagem foi relativamente mais tranquila do que tentar projetar algo muito mirabolante. A maior parte do projeto foi desenvolvida no Adobe InDesign, realizei colagens e testes de diagramação pelo Adobe Photoshop, onde consegui manipular as imagens e aplicar os efeitos que eu queria.



Figura 24: Capa e layout com texto e imagens. / Imagem produzida pela autora.



Figuras 25 e 26: Introdução e abertura Bea Feitler. / Imagens produzidas pela autora.



Figuras 27 e 28: Abertura Lygia e layout de texto e imagem. / Imagens produzidas pela autora.



Figuras 29 e 30: Abertura Emilie e layout com texto e imagem. / Imagens produzidas pela autora.

2 - Conclusão e Considerações Finais

Com esse projeto pude me aprofundar através de diferentes perspectivas em relação a produção em design gráfico. Mais do que isso, pude ver com meus próprios olhos como existem fortes vieses na hora de se fazer uma pesquisa e selecionar o que entra e o que sai. A mínima menção de trabalhos não só de mulheres, mas também daqueles que fogem do design para corporações e indústrias é algo a ser refletido e revisto.

É claro que a História tem diversos pontos de vistas e atores que são ocultos e ignorados, cabe a nós pesquisadores, nos mantermos críticos e reflexivos em relação ao discurso que vem sendo construído, para que assim, possamos ampliar e compreender através de do que foi deixado de lado, novas de visões e fazeres. Ampliando ainda mais a compreensão do papel de um designer, e como ele também se insere na cultura da modernidade que vem sendo reconstruída a todo momento.

Espero que com a materialização desse Zine, sementes sejam plantadas, e que assim possamos cada vez mais nos mantermos em constante atenção e crítica, valorizando o que fazemos como profissionais e qual o valor do nosso trabalho. Devido às circunstâncias de tempo e recursos, o projeto se transformou em um zine digital, no qual o acesso do mesmo está disponível no link <<https://heyzine.com/flip-book/5279a59909.html#page/1>>.

3 - Referências Bibliográficas

BEA Feitler. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa442213/bea-feitler>. Acesso em: 21 de abril de 2024. Verbete da Enciclopédia.

EMILIE Chamie. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa26671/emilie-chamie>. Acesso em: 31 de março de 2024. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

LYGIA Pape. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape>. Acesso em: 21 de abril de 2024. Verbete da Enciclopédia.

FARIA, Rita Sepúlveda de. **Emilie Chamie, trajetória de uma (mulher / designer / artista gráfica / poeta visual) pioneira**. Orientador: prof. Dr. Marcos da Costa Braga. 2022. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo Área de Concentração, São Paulo, 2022.

MACHADO, Vanessa Rosa. **LYGIA PAPE espaços de ruptura**. 2008. 219 p. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa, PB, Brasil: Marca de Fantasia, 2020. 111 p. ISBN 8587018213.

MOURA, Paulo Henrique de. **O IMPACTO CULTURAL DO DESIGN DE BEA FEITLER NA HARPER'S BAZAAR DOS ANOS 60**. 2013. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso – CELACC/ECA-USP, São Paulo, 2013.

TAYNARA SOBRINHO, PADILHA UNREIN, Aline Eduarda. **Uma Proposta De Valorização De Designers Gráficas Brasileiras**. 2022. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2022.